

EU TE... CONTO: UMA PROPOSTA DIDÁTICA COM O GÊNERO CONTO

Cícera Leandra Moura LARSEN¹
Escola Amália Xavier
leamou@hotmail.com

Maria Kyonara Vieira de OLIVEIRA²
Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Antônio Lacerda Neto
:kyonarasjp@hotmail.com

Erik Viana Carlos RODRIGUES³
Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Manoel Gonçalves da Silva,
Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Constantino Vieira
erikumari@hotmail.com

RESUMO: A leitura de um texto literário ainda que complexa por imprescindível do grau de letramento do leitor deve ser prazerosa para ele. Por isso, o professor deve incentivar a leitura, a partir de estratégias acionando processos educativos que contemplem diversas situações comunicativas em que os alunos as empreguem como mecanismo de interação social até que se desenvolva proficiência da leitura literária. Assim, contribuem, com a formação de leitores competentes que, ao adquirir o letramento literário, uma prática social, lhes proporciona inserção no mundo da escrita, da criatividade, da fantasia, da imaginação. Apresentamos uma proposta de ensino na perspectiva do letramento literário, abordando conceitos dos estudos de Cosson (2009), integrando práticas de leitura literária a serem colocadas no ambiente escolar de turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, tendo como texto-base o conto *O Homem que enxergava a morte*, de Ricardo Azevedo.

PALAVRAS-CHAVES: Letramento Literário. Leitura. Proposta Didática.

I TALK...YOU: A DIDACTIC PROPOSAL WITH THE GENDER TALE

ABSTRACT: The reading of a literary text, even though it is complex because it implies the reader's degree of literacy, should be pleasurable for him. Therefore, the teacher should encourage reading, from strategies triggering educational processes that contemplate various communicative situations in which students use them as a mechanism of social interaction until the literacy reading proficiency is developed. Thus, with the formation of competent readers, who, by acquiring literary literacy, contribute to their insertion in the world of writing, creativity, fantasy, and imagination. We present a proposal of teaching in the perspective of literary literacy, approaching concepts from the studies of Cosson (2009), integrating literary reading practices to be placed in the school environment of the 9th grade elementary school classes, having as base text the tale *The Man Who saw the death*, Ricardo Azevedo.

KEYWORDS: Literary Letter. Reading. Didactic Proposal.

¹ Professora efetiva do Estado do Ceará, na cidade de Juazeiro do Norte. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras-PB, Brasil.

² Professora efetiva da rede municipal de São José de Piranhas, no Estado da Paraíba. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras-PB, Brasil.

³ Professor efetivo do município de Cajazeiras e do Estado da Paraíba. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras-PB, Brasil.

INTRODUÇÃO

Ler um texto literário deve ser uma atividade prazerosa, ainda que complexa. O grau de complexidade advém de confluências sociais, culturais, históricas e até mesmo o grau de letramento literário que cada sujeito possui.

Por isso, a escola precisa incentivar a leitura, partindo de estratégias que desenvolvam proficiência da leitura literária no aluno, pois incentivar ou valorizar a leitura do texto literário, por si só, não garante sua realização nem a efetivação do letramento literário. Nesse sentido, o professor exerce papel importante nesse processo, uma vez que depende dele acionar processos educativos que contemplem diversas situações comunicativas em que os alunos a empreguem como mecanismo de interação social, contribuindo, assim, com a formação de leitores competentes.

Dessa forma, o letramento literário é uma prática social que proporciona inserção no mundo da escrita, da criatividade, da fantasia, da imaginação, enfim, das reflexões variadas, pois cabe à literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2009, p. 17).

Apresentamos uma proposta de ensino, na perspectiva do letramento literário, abordando conceitos dos estudos de Cosson (2009), integrando práticas de leitura literária a serem colocadas no ambiente escolar de turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, tendo como texto-base o conto *O Homem que enxergava a morte*, de Ricardo Azevedo, em diálogo com outras linguagens (canção, tirinha, epitáfio e dinâmica, por exemplo) com a finalidade de complementar as discussões.

1 O LETRAMENTO LITERÁRIO E SUA IMPORTÂNCIA

No famoso livro, *Letramento Literário* (2009), considerado um verdadeiro manifesto para o ensino e aplicabilidade dos textos literários em sala de aula, Cosson (2009, p. 23) afirma que:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização.

Com isso, percebemos que a atividade com a leitura deve ser intensiva e frequente e que o professor é um agente na formação de bons leitores, competentes e satisfeitos, capazes de dialogar a obra lida com tantos outros textos. Sobre isso, Cosson (2009, p.27) assevera que:

[...] ao lermos, abrimos uma porta entre nosso mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro. Se acredito que o mundo está absolutamente completo e nada pode ser dito, a leitura não faz sentido para mim. É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade da leitura seja significativa.

Por isso, o professor exerce o papel de mediador entre o aluno e os conhecimentos discursivo-textuais e linguísticos implicados nas práticas sociais mediadas pela linguagem, devendo, ainda, fazer com que os aprendizes desenvolvam capacidades que possam ser transferíveis para outros gêneros próximos ou distantes.

Sobre o processo de leitura, o Ministério da Educação (MEC), por meio do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), enfatizou em seu Caderno que

As diretrizes para uma política pública voltada à leitura e ao livro no Brasil têm por base a necessidade de formar uma sociedade leitora como condição essencial e decisiva para promover a inclusão social de milhões de brasileiros no que diz respeito a bens, serviços e cultura, garantindo-lhes uma vida digna e a estruturação de um país economicamente viável (BRASIL/PNLL, 2014, p. 2).

Entendemos, pois, que a leitura de textos literários deve ter maior atenção por parte dos professores, principalmente porque, a partir dela, o leitor dará sentido ao mundo, transcendendo os limites do tempo e do espaço. O Caderno do PNLL (2014) ainda esclarece que

Entre as muitas possibilidades de textos que podem ser adotados no trabalho com a leitura, a literatura merece atenção especial no contexto do Plano, dada a enorme contribuição que pode trazer para uma formação vertical do leitor, consideradas suas três funções essenciais, como tão bem as caracterizou Antônio Cândido: **a) a capacidade que a literatura tem de atender à nossa imensa necessidade de ficção e fantasia; b) sua natureza essencialmente formativa, que afeta o consciente e o inconsciente dos leitores de maneira bastante complexa e dialética, como a própria vida, em oposição ao caráter pedagógico e doutrinador de outros textos; c) seu potencial de oferecer ao leitor um conhecimento profundo do mundo, tal como faz, por outro caminho, a ciência** (BRASIL/PNLL, 2014, p.19) (grifo nosso).

O mesmo documento ensina que os objetivos e as metas do PNLL (2014) com relação ao texto literário são:

a) Incentivar e fomentar programas de bolsas de criação, formação, intercâmbio, pesquisa e residências literárias nacionais e internacionais;

b) Incentivar e fomentar a criação, manutenção, modernização e expansão permanente de bibliotecas e espaços de leitura e de convivência e promoção literária, considerando a acessibilidade e a diversidade física, geográfica, arquitetônica e cultural brasileira;

c) Identificar, cadastrar, monitorar e disponibilizar informações atualizadas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas com vistas à qualificação das políticas públicas para a área;

Embora haja poucos objetivos com relação à leitura do texto literário, no plano acima citado, percebemos que se intensificaram propostas ampliando tal leitura. Assim, torna-se, pois, pungente a leitura efetiva de textos literários, mediante acesso constante a obras literárias, para que haja, de fato, a aquisição do letramento literário. Para Cosson (2009, p.12), “o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo uma forma de assegurar seu efetivo domínio”.

Impende salientar que o letramento literário deve ser compreendido como um estado permanente de (re)construção, o que deve acontecer por toda vida, não se iniciando nem terminando na escola, mas renovando-se a cada nova leitura literária.

2 DE CONTO, UM POUCO

A gênese do conto está nas histórias narradas pelos povos antigos, que foram ganhando diversos significados ao longo dos tempos.

O conto foi, em sua primitiva forma, uma narrativa oral, frequentando as noites de lua em que antigos povos se reuniam e, para matar o tempo, narravam ingênuas estórias de bichos, lendas populares ou mitos arcaicos. Reminiscências deste tempo são as figuras, ainda próximas de nós, de Tio Remus, recriada em filme por Walt Disney, Pai João, dos serões coloniais, ou Dona Benta, registrada por Monteiro Lobato (MARIA, 2004, p.8).

O conto pertence à esfera literária e assinala-se por ser “fluido, móvel, de ser entendido por todos, de se renovar nas suas transmissões, sem se desmanchar: caracterizam-no, pois, a *mobilidade, a generalidade, a pluralidade*”, segundo Gotlib (1999, p. 18). Entretanto,

Percebemos que há um enorme descompasso entre as formulações da teoria do conto e as inúmeras vertentes do conto; e a teoria não tem dado conta de tal abrangência; e continua a empregar os mesmos princípios, alguns julgados universais, a uma produção extraordinária que, em muitos casos, pouco corresponde ao que se elaborou em termos teóricos (GOUVEIA, 2009, p. 11).

O conto vai além da definição de narrativa curta, embora Edgar Allan Pöe (*apud* GOTLIB, 1999) defenda a ideia de que é preciso dosar a obra, a fim de que, brevemente, o leitor faça a leitura do conto, por isso, nem breve nem extenso demais sendo, portanto, a extensão imperdoável. Ainda caracteriza o conto pela relação entre a sua extensão e a reação ou efeito que o gênero consegue provocar no leitor.

Dessa forma, é difícil estabelecer fronteiras para o conto, por ser um gênero complexo, ao que Gotlib (1999, p.11) afirma que, para Julio Casares, há três concepções de conto: 1. relato de

um acontecimento; 2. narração oral ou escrita de um acontecimento falso; 3. fábula que se conta às crianças para diverti-las. Para Gotlib (1999), todas essas acepções têm um ponto em comum, qual seja, são modos de se contar alguma coisa e que é o próprio conto que representa um momento especial em que algo acontece. A autora (1999, p. 82) ainda afirma que:

[...] o conto traz um compromisso selado com sua origem: a da *estória*. E com o modo de se contar a estória: é uma *forma breve*. E com o modo pelo qual se constrói este seu jeito de ser, economizando meios narrativos, mediante contração de impulsos, condensação de recursos [...] além disso, são modos peculiares de uma época da história. E modos peculiares de um autor, que, deste e não de outro modo, organiza a sua estória [...] como são também modos peculiares de uma fase ou de uma fase da produção deste contista, num tempo determinado, num determinado país.

Assim, a finalidade do conto costuma ser a de provocar no receptor uma única resposta emocional – proporcionar uma única impressão – e seu objeto é o estado de tensão entre texto e leitor, cumprindo com a tarefa de incomodar ou deleitar frente à boa literatura. O conto, ainda nos permite refletir sobre o mundo externo à obra, chegando a viabilizar o processo de humanização do leitor.

Por isso, o trabalho escolar que envolve diversas leituras de contos tende a viabilizar processos de releituras, pois, além de ajudar o aluno a se apropriar da literatura como repertório cultural, proporciona-lhe uma maneira de construir seus sentidos.

3 PROPOSTA DIDÁTICA COM/SOBRE O GÊNERO LITERÁRIO CONTO

Apresentamos, a seguir, uma proposta para se trabalhar a leitura do gênero literário conto com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Para isso, *Cosson* (2009) propõe a *leitura contínua*, que parte do conhecido para o desconhecido com objetivo de ampliar as estratégias a serem utilizadas no ensino de literatura cujo contexto seja a educação básica.

1º MOMENTO: MOTIVAÇÃO

Como essa etapa, normalmente, se dá de forma lúdica, com uma temática relacionada ao texto literário que é a base da proposta com a leitura literária, resolvemos desenvolvê-la, então, a partir da escuta/leitura, discussão e reflexão da canção *Canto para a minha morte*, de Raul Seixas, e da tirinha *Dona Morte*, de Mauricio de Sousa, já que o conto com o qual decidimos trabalhar aborda, justamente, a questão da morte, da hora de "abotoar o paletó", de "entregar a rapadura", de "bater as botas", de "esticar as canelas"... Trata-se, portanto, da etapa de preparação do aluno para que ele "entre" no texto e tem como objetivo principal incitar a leitura proposta.

Vejam a letra da canção do cantor e compositor baiano:

CANTO PARA A MINHA MORTE

*Eu sei que determinada rua que eu já passei
Não tornará a ouvir o som dos meus passos.
Tem uma revista que eu guardo há muitos anos
E que nunca mais eu vou abrir.
Cada vez que eu me despeço de uma pessoa
Pode ser que essa pessoa esteja me vendo pela última vez
A morte, surda, caminha ao meu lado
E eu não sei em que esquina ela vai me beijar.*

*Com que rosto ela virá?
Será que ela vai deixar eu acabar o que eu tenho que fazer?
Ou será que ela vai me pegar no meio do copo de uísque?
Na música que eu deixei para compor amanhã?
Será que ela vai esperar eu apagar o cigarro no cinzeiro?
Virá antes de eu encontrar a mulher, a mulher que me foi destinada,
E que está em algum lugar me esperando
Embora eu ainda não a conheça?*

*Vou te encontrar vestida de cetim,
Pois em qualquer lugar esperas só por mim
E no teu beijo provar o gosto estranho
Que eu quero e não desejo, mas tenho que encontrar
Vem, mas demore a chegar.
Eu te detesto e amo morte, morte, morte
Que talvez seja o segredo desta vida
Morte, morte, morte que talvez seja o segredo desta vida.*

*Qual será a forma da minha morte?
Uma das tantas coisas que eu não escolhi na vida.
Existem tantas... Um acidente de carro.
O coração que se recusa abater no próximo minuto,
A anestesia mal aplicada,
A vida mal vivida, a ferida mal curada, a dor já envelhecida
O câncer já espalhado e ainda escondido, ou até, quem sabe,
Um escorregão idiota, num dia de sol, a cabeça no meio-fio...*

*Oh morte, tu que és tão forte,
Que matas o gato, o rato e o homem.
Vista-se com a tua mais bela roupa quando vieres me buscar
Que meu corpo seja cremado e que minhas cinzas alimentem a erva
E que a erva alimente outro homem como eu
Porque eu continuarei neste homem,
Nos meus filhos, na palavra rude
Que eu disse para alguém que não gostava
E até no uísque que eu não terminei de beber aquela noite...*

*Vou te encontrar vestida de cetim,
Pois em qualquer lugar esperas só por mim
E no teu beijo provar o gosto estranho que eu quero e não desejo,
Mas tenho que encontrar
Vem, mas demore a chegar.
Eu te detesto e amo morte, morte, morte
Que talvez seja o segredo desta vida
Morte, morte, morte que talvez seja o segredo desta vida.*

Fonte: <https://letras.mus.br/raul-seixas/48303/>

Agora, vejamos a tirinha do dia em que a Dona Morte perdeu a lista:



Fonte: <http://pazserenidadeseempre.blogspot.com.br/2013/06/como-voce-pensa-morte-muda-seu.html>

2º MOMENTO: INTRODUÇÃO

Nesta etapa serão apresentados o autor, Ricardo Azevedo, e a obra em que está contido o conto *O homem que enxergava a morte*, isto é, o livro *Contos de enganar a morte*. Sendo assim, a própria apresentação e biografia contidas no conjunto de narrativas podem ser utilizadas nessa tarefa.

Observemos a apresentação do livro *Contos de enganar a morte*, escrita por seus próprios editores:

VOCÊ TEM MEDO DA MORTE?

Zé Malandro não tinha. Nem o ferreiro, o médico e o jovem viajante que aparecem nas histórias deste livro, contadas há séculos pelo Brasil afora. Contos de enganar a morte reúne quatro das principais narrativas populares sobre a hora de "abotoar o paletó", "entregar a rapadura", "bater as botas", "esticar as canelas". Como conta Ricardo Azevedo: "Na verdade, existem poucas histórias tratando do assunto. Creio que o livro traz alguns dos principais enredos abordando o herói que não quer morrer e inventa mil truques e ardis para dar um jeitinho de escapar da morte".

Escritor e ilustrador de vários livros, Ricardo também ganhou fama pela pesquisa que vem realizando sobre cultura popular. Desde 1980 ele seleciona histórias contadas pelo povo brasileiro. As quatro narrativas deste livro chegaram aqui principalmente através dos portugueses. Por serem transmitidas oralmente, essas histórias costumam ter várias versões: quem conta um conto, aumenta um ponto, diz o ditado. O trabalho de Ricardo é confrontar as diferentes versões e recontar, a seu modo, tentando sempre recuperar a essência de cada história. Para isso, tem estudado efeito valer seu talento de bom contador de "causos", imprimindo um tom simples e bem-humorado.

Os desenhos do livro também são de sua autoria. Cheios de minúsculos detalhes decorativos, personagens em desproporção, símbolos e paisagens estáticas, recursos típicos da iconografia popular. O traço firme e grosso e mesmo a colocação das imagens dentro da página lembram muito a xilogravura de cordel e as pinturas primitivistas.

Lendo essas histórias você vai perceber que, se o tema da morte assusta, ele também é capaz de fazer pensar e de provocar boas risadas.

Agora, observemos a biografia de Ricardo Azevedo encontrada na parte final da referida obra:

BIOGRAFIA

Ricardo Azevedo escreve e desenha desde a adolescência. Escreveu sua primeira história aos 17 anos, Um autor de contos para crianças, que viria a ser publicada muito mais tarde, em uma versão modificada, com o título Um homem no sótão (Prêmio Banco Noroeste, 1982). O primeiro livro publicado, O peixe que podia cantar, saiu em 1980. Hoje, ele tem muitas obras infantis e juvenis, algumas delas premiadas, além de traduções na Alemanha, Portugal, México e Holanda.

Desde 1980, Ricardo vem pesquisando contos maravilhosos, adivinhas, quadras, anedotas, ditados e frases feitas do Brasil todo para recontá-las a seu modo. Essas pesquisas sobre a cultura popular brasileira já renderam vários livros, Contos de enganar a morte é o décimo quinto sobre o tema.

Para ele, a literatura infantil tem suas raízes nas formas literárias populares, daí seu grande interesse pelo tema.

Ricardo nasceu na capital paulista e é doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Casado, tem três filhos, torce pelo Santos Futebol Clube e é também um apaixonado por Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, pelos traços surrealistas do pintor belga René Magritte e pelas xilogravuras populares que são, aliás, a fonte inspiradora das ilustrações do livro Contos de enganar a morte.

3º MOMENTO: LEITURA

Nesta etapa deve acontecer a leitura do conto em si, e deve ser acompanhada pelo professor preocupado em solucionar algumas dificuldades relacionadas à compreensão de vocabulário ou mesmo de partes do texto.

O HOMEM QUE ENXERGAVA A MORTE

Era um homem pobre. Morava num casebre com a mulher e seis filhos pequenos. O homem vivia triste e inconformado por ser tão miserável e não conseguir melhorar de vida.

Um dia, sua esposa sentiu um inchaço na barriga e descobriu que estava grávida de novo. Assim que o sétimo filho nasceu, o homem disse à mulher:

– Vou ver se acho alguém que queira ser padrinho de nosso filho.

Vestiu o casaco e saiu de casa com ar preocupado. Temia que ninguém quisesse ser padrinho da criança recém-nascida. Arranjar padrinho para o sexto filho já tinha sido difícil. Quem ia querer ser compadre de um pé-rapado como ele?

E lá se foi o homem andando e pensando e quanto mais pensava mais andava inconformado e triste.

Mas ninguém consegue colocar rédeas no tempo.

O dia passou, o sol caiu na boca da noite e o homem ainda não tinha encontrado ninguém que aceitasse ser padrinho de seu filho. Desanimado, voltava para casa, quando deu com uma figura curva, vestindo uma capa escura, apoiada numa bengala. A bengala era de osso.

– Se quiser, posso ser madrinha de seu filho – ofereceu-se a figura, com voz baixa.

– Quem é você? – perguntou o homem.

– Sou a Morte.

O homem não pensou duas vezes:

– Aceito. Você sempre foi justa e honesta, pois leva para o cemitério todas as pessoas, sejam elas ricas ou pobres. Sim – continuou ele com voz firme –, quero que seja minha comadre, madrinha de meu sétimo filho!

E assim foi. No dia combinado, a Morte apareceu com sua capa escura e sua bengala de osso. O batismo foi realizado. Após a cerimônia, a Morte chamou o homem de lado.

– Fiquei muito feliz com seu convite – disse ela. – Já estou acostumada a ser maltratada. Em todos os lugares por onde ando as pessoas fogem de mim, falam mal de mim, me xingam e amaldiçoam. Essa gente não entende que não faço mais do que cumprir minha obrigação. Já imaginou se ninguém mais morresse no mundo? Não ia sobrar lugar para as crianças que iam nascer! Na verdade – confessou a Morte –, você é a primeira pessoa que me trata com gentileza e compreensão.

E disse mais:

– Quero retribuir tanta consideração. Pretendo ser uma ótima madrinha para seu filho.

A Morte declarou que para isso transformaria o pobre homem numa pessoa rica, famosa e poderosa.

– Só assim – completou ela –, você poderá criar, proteger e cuidar de meu afilhado.

O vulto explicou então que, a partir daquele dia, o homem seria um médico.

– Médico? Eu? – perguntou o sujeito, espantado. Mas eu de Medicina não entendo nada!

– Preste atenção – disse ela.

Mandou o homem voltar para casa e colocar uma placa dizendo-se médico. Daquele dia em diante, caso fosse chamado para examinar algum doente, se visse a figura dela, a figura da Morte, na cabeceira da cama, isso seria sinal de que a pessoa ia ficar boa.

– Em compensação – rosnou a Morte –, se me enxergar no pé da cama, pode ir chamando o coveiro, porque o doente logo, logo vai esticar as canelas.

A Morte esclareceu ainda que seria invisível para as outras pessoas.

– Daqui pra frente – concluiu a famigerada –, você vai ter o dom de conseguir enxergar a Morte cumprindo sua missão.

Dito e feito.

O homem colocou uma placa na frente de sua casa e logo apareceram as primeiras pessoas adoentadas.

O tempo passava correndo feito um rio que ninguém vê. Enquanto isso, sua fama de médico começou a crescer.

É que aquele médico não errava uma.

O doente podia estar muito mal e já desenganado. Se ele dizia que ia viver, dali a pouco o doente estava curado.

Em outros casos, às vezes a pessoa nem parecia muito enferma. O médico chegava, olhava, examinava, coçava o queixo e decretava:

– Não tem jeito!

E não tinha mesmo. Não demorava muito, a pessoa sentia-se mal, ficava pálida e batia as botas.

A fama do homem pobre que virou médico correu mundo. E com a fama veio a fortuna. Como muitas pessoas curadas costumavam pagar bem, o sujeito acabou ficando rico.

Mas o tempo é um trem que não sabe parar na estação.

O sétimo filho do homem, o afilhado da Morte, cresceu e tornou-se adulto.

Certa noite, bateram na porta da casa do médico. Dessa vez não era nenhum doente pedindo ajuda. Era uma figura curva, vestindo uma capa escura, apoiada numa bengala feita de osso. A figura falou em voz baixa:

– Caro compadre, tenho uma notícia triste: sua hora chegou. Seu filho já é homem feito. Estou aqui para levar você.

O médico deu um pulo da cadeira.

– Mas como! – gritou. – Fui pobre e sofri muito. Agora que tenho uma profissão, ajudo tantas pessoas, tenho riqueza e fartura, você aparece pra me levar! Isso não é justo!

A Morte sorriu.

– Vá até o espelho e olhe para si mesmo – sugeriu. – Está velho. Seu tempo já passou.

Mas o médico não se conformava. E argumentou, e pediu, e suplicou tanto que a Morte resolveu conceder mais um pouquinho de tempo.

– Só porque somos compadres, só por ser madrinha de seu filho, vou lhe dar mais um ano de vida – disse ela antes de sumir na imensidão.

O velho médico continuou a atender gente doente pelo mundo afora.

Um dia, recebeu um chamado. Era urgente. Uma moça estava gravemente enferma. Disseram que seu estado era desesperador. O homem pegou a maleta e saiu correndo. Assim que entrou no quarto da menina enxergou, parada ao pé da cama, a figura sombria e invisível da Morte, pronta para dar o bote.

O médico sentou-se na beira da cama e examinou a moça. Era muito bonita e delicada. O homem sentiu pena. Uma pessoa tão jovem, com uma vida inteira pela frente, não podia morrer assim sem mais

nem menos. "Isso está muito errado", pensou o médico, e tomou uma decisão. "Já estou velho, não tenho nada a perder. Pela primeira vez na vida vou ter que desafiar minha comadre." E rápido, de surpresa, antes que a Morte pudesse fazer qualquer coisa, deu um jeito de virar o corpo da menina na cama, de modo que a cabeça ficou no lugar dos pés e os pés foram parar do lado da cabeceira. Fez isso e berrou:

– Tenho certeza! Ela vai viver!

E não deu outra. Dali a pouco, a linda menina abriu os olhos e sorriu como se tivesse acordado de um sonho ruim.

A família da moça agradeceu e festejou. A Morte foi embora contrariada, e no dia seguinte apareceu na casa do médico.

– Que história é essa? Ontem você me enganou!

– Mas ela ainda era uma criança!

– E daí? Aquela moça estava marcada para morrer – disse a Morte. – Você contrariou o destino. Agora vai pagar caro pelo que fez. Vou levar você no lugar dela!

O médico tentou negociar. Disse que queria viver mais um pouco.

– Nós combinamos um ano – argumentou ele.

– Nosso trato foi quebrado. Não quero saber de nada – respondeu a Morte. – Venha comigo!

– Lembre-se de que até hoje eu fui a única pessoa que tratou você com gentileza e consideração!

A Morte balançou a cabeça.

– Quer ver uma coisa? – perguntou ela.

E, num passe de mágica, transportou o médico para um lugar desconhecido e estranho. Era um salão imenso, cheio de velas acesas, de todas as qualidades, tipos e tamanhos.

– O que é isso? – quis saber o velho.

– Cada vela dessas corresponde à vida de uma pessoa – explicou a Morte. As velas grandes, bem acesas, cheias de luz, são vidas que ainda vão durar muito. As pequenas são vidas que já estão chegando ao fim. Olhe a sua.

E mostrou um toquinho de vela, com a chama trêmula, quase apagando.

– Mas então minha vida está por um fio! – exclamou o homem assustado. – Quer dizer que tudo está perdido e não resta nenhuma esperança?

A Morte fez "sim" com a cabeça. Em seguida, transportou o médico de volta para casa.

– Tenho um último pedido a fazer – suplicou o homem, já enfraquecido, deitado na cama. – Antes de morrer, gostaria de rezar o Pai-Nosso.

A Morte concordou.

Mas o velho médico não ficou satisfeito.

– Quero que me prometa uma coisa. Jure de pé junto que só vai me levar embora depois que eu terminar a oração.

A Morte jurou e o homem começou a rezar:

– Pai-Nosso que...

Começou, parou e sorriu.

– Vamos lá, compadre – grunhiu a Morte. – Termine logo com isso que eu tenho mais o que fazer.

– Coisa nenhuma! – exclamou o médico saltando vitorioso da cama. – Você jurou que só me levava quando eu terminasse de rezar. Pois bem, pretendo levar anos para acabar minha reza...

Ao perceber que tinha sido enganada mais uma vez, a Morte resolveu ir embora, mas antes fez uma ameaça:

– Deixa que eu pego você!

Dizem que aquele homem ainda durou muitos e muitos anos. Mas, um dia, viajando, deu com um corpo caído na estrada. O velho médico bem que tentou, mas não havia nada a fazer.

– Que tristeza! Morrer assim sozinho no meio do caminho! Antes de enterrar o infeliz, o bom homem tirou o chapéu e rezou o Pai-Nosso.

Mal acabou de dizer amém, o morto abriu os olhos e sorriu. Era a Morte fingindo-se de morto.

– Agora você não me escapa!

Naquele exato instante, uma vela pequena, num lugar desconhecido e estranho, estremeceu e ficou sem luz.

Ricardo Azevedo

4º MOMENTO: INTERPRETAÇÃO

Trata-se de um momento relevante, pois

[...] na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura (COSSON, 2009, p.65).

O professor poderá conduzir isso através de um estudo dirigido do texto, com perguntas que possam levar o aluno a apreciar ainda mais a leitura literária que ele fez de forma “independente”, igual procuramos fazer logo abaixo.

ESTUDO DIRIGIDO

1. O conto lido traz a história de um homem que convida a Morte para madrinha de seu filho e em troca ela lhe concede o dom de adivinhar se um doente irá morrer ou viver. De acordo com a leitura, qual foi o presente que a Morte deu ao pai de seu afilhado?
2. No conto de Ricardo Azevedo, a personagem principal tenta enganar a Morte para continuar vivendo por mais tempo. Como o homem consegue enganá-la? Justifique sua resposta.
3. A Morte, a todo o momento, deseja “levar o homem”, mas ele tenta enganá-la. Como a Morte consegue vencê-lo no final?
4. Releia o trecho:
“Naquele exato instante, uma vela pequena, num lugar desconhecido e estranho, estremeceu e ficou sem luz”.
 - Explique o que significa uma vela apagar-se nesse conto.
5. Quem você acha que foi mais esperto neste conto: a Morte ou o homem? Justifique a sua resposta.

6. Com base na leitura do texto, escreva V ou F, conforme as assertivas sejam verdadeiras ou falsas, para as informações presentes no conto *O homem que enxergava a morte*.

- a) () Ocorre o pacto entre a Morte e o humilde homem.
- b) () O sucesso profissional do homem que enxergava a morte percorre o mundo.
- c) () São apresentadas Informações sobre a vida do homem e de como era a sua família.
- d) () Quando nasce o oitavo filho do homem, ele resolve escolher a morte como madrinha da criança.
- e) () Uma figura curva, vestindo uma capa escura, apoiada numa bengala feita de osso, foi buscar o homem para levá-lo com ela.
- f) () A Morte dá instruções ao homem sobre como atuar na profissão de advogado.
- g) () O encontro do homem com a Morte foi interrompido pela mulher do homem.

7. Mesmo tratando de um tema tão arrepiante como é a morte, Ricardo Azevedo consegue ser engraçado. Por que podemos dizer que há humor no conto *O Homem que enxergava a Morte*? Explique.

8. O Autor afirma que a Morte estava curva, vestia capa preta e uma bengala de osso. Faça hipóteses. Por que será que a morte usava uma bengala de osso? E por que a bengala não se quebrou?

9. O que podemos afirmar sobre a condição econômica do personagem principal?

10. Identifique o conflito do conto e como ele foi solucionado.

5º MOMENTO: **EXPANSÃO**

Esta é a fase em que Cosson (2009) destaca a relevância de se abordar os processos de intertextualidade. Etapa propícia, portanto, para conversar sobre outras histórias escritas e/ou orais relacionadas à temática em questão, como também para se aprofundar no (expandir o) assunto, dando enfoque a outros conteúdos específicos. Neste trabalho, por exemplo, já que falamos a respeito da morte, tomando como base o conto *O homem que enxergava a morte*, de Ricardo Azevedo, achamos possível o diálogo com o epitáfio⁴ por meio de letra de música, imagens de humor e dinâmica de grupo. Vejamos:

LETRA DE MÚSICA

EPITÁFIO

⁴ Um gênero pelo qual se transmite uma mensagem escrita em uma lápide de algum túmulo.

*Devia ter amado mais
Ter chorado mais
Ter visto o sol nascer
Devia ter arriscado mais
E até errado mais
Ter feito o que eu queria fazer...*

*Queria ter aceitado
As pessoas como elas são
Cada um sabe a alegria
E a dor que traz no coração...*

*O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar...*

*Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr
Devia ter me importado menos
Com problemas pequenos
Ter morrido de amor...*

*Queria ter aceitado
A vida como ela é
A cada um cabe alegrias
E a tristeza que vier...
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar...(2x)*

*Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr...*

Fonte: <http://www.vagalume.com.br/titas/epitafio.html>

IMAGENS DE HUMOR



Fonte: <http://leiaisso2.blogspot.com.br/2011/03/lades-engracadas.html>

DINÂMICA DE GRUPO

Objetivo

- ✓ Produzir textos que instiguem a reflexão dos alunos sobre o gênero epitáfio e a temática que o cerca.

Passos

1º - O professor distribui uma folha de sulfite para cada aluno e explica que cada um deve escrever seu epitáfio (lápide de seu túmulo).

2º - Os alunos preparam seu epitáfio. Todos devem fazê-lo.

3º - Uma vez escrito, prendem o epitáfio junto ao peito e passeiam pela sala, a fim de que todos leiam o epitáfio de todos.

4º - No passo seguinte, os alunos se reúnem, aos pares, com aqueles cujo epitáfio tenha coincidências com o seu. Conversam durante seis minutos.

5º - Feito isso, a critério do professor, cada par poderá reunir-se a outro e conversar por cinco a sete minutos.

Avaliação

- a. O que aprendemos com essa dinâmica?
 - b. Como nos sentimos após essa experiência?
-

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de leitura do texto literário ora apresentada busca contribuir com mais uma proposta desenvolvida com base nos pressupostos teórico-metodológicos de Cosson (2009). O conto escolhido para a sequência permite trabalhar com uma temática muito conhecida, a morte, porém, pouco abordada, e sob uma perspectiva bastante diferente. Além disso, as possibilidades de intertexto enriquecem ainda mais os momentos conferidos às atividades, levando os alunos ao riso, à reflexão, ao diálogo, à distração etc.

Portanto, com as devidas adaptações que nossa proposta de letramento literário permite fazer, o nosso desejo é que ela, em algum momento, sirva ao propósito de inserir os sujeitos no universo da leitura para que eles possam ser inseridos na sociedade como cidadãos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. O homem que enxergava a morte. In: AZEVEDO, Ricardo. **Contos de enganar a Morte**. São Paulo: Ática, 2003.

BRASIL. **Plano Nacional do Livro e Leitura** (PNLL). Brasília, DF: MEC, 2014.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

GOTLID, N. B. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1999.

GOUVEIA, Arturo (Org.). **Machado de Assis desce aos infernos**. João Pessoa: Ideia, 2009.

MARIA, Luzia de. **O que é conto**. São Paulo: Brasiliense, 2004.